

Proletários de todos os Países: UNI-VOS

GES
PCP

G

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

DISCURSO DO CAMARADA STÁLINE NO XIX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

Os delegados acolhem o aparecimento do camarada STÁLINE na tribuna com tempestuosos aplausos que duram longo tempo e que se transformam numa ovação. Todos se levantam. Ouvem-se exclamações: Hurra ao camarada STÁLINE! Viva o camarada STÁLINE! Glória ao grande STÁLINE!

CAMARADA:

Permiti-me expressar a gratidão, em nome do nosso Congresso, a todos os partidos e grupos irmãos cujos representantes honraram o nosso Congresso com a sua presença ou enviaram ao Congresso mensagens de saudação, pelas amistosas saudações, por nos desejarem êxitos, pela sua confiança. (Tempestuosos e prolongados aplausos que se transformam em ovação).

Para nós é especialmente valiosa esta confiança que significa disposição de apoiar o nosso Partido na sua luta pelo futuro luminoso dos povos, na sua luta contra a guerra, na sua luta pela manutenção da Paz (Tempestuosos e prolongados aplausos).

Seria erróneo pensar que o nosso Partido, que se tornou uma força poderosa, não necessita mais de apoio. Isto não é certo. O nosso Partido e o nosso país sempre necessitaram e necessitam da confiança, da simpatia e do apoio dos povos irmãos do estrangeiro.

A particularidade deste apoio consiste em que todo o apoio aos anseios de Paz do nosso Partido por parte de qualquer partido irmão significa também apoio ao seu próprio povo na sua luta pela manutenção da Paz.

Quando os operários ingleses, em 1918-1919, durante a agressão armada da burguesia inglesa contra a União Soviética, organizaram a luta contra a guerra sob a palavra de ordem: «Tirem as mãos da Rússia!», isto foi apoio. Antes de tudo, apoio à luta do seu próprio povo pela Paz e depois apoio também à União Soviética.

Quando o camarada Thorez ou o camarada Togliatti declaram que seus povos não guerrearão contra os povos da União Soviética (tempestuosos aplausos) isto é apoio, e, antes de tudo, apoio aos operários e camponeses da França e da Itália que lutam pela Paz e depois apoio também aos anseios de Paz da União Soviética.

Esta particularidade do apoio muito explica-se porque os interesses do nosso Partido não só não contradizem mas, pelo contrário, se fundem com os interesses dos povos amantes da Paz. (Tempestuosos aplausos).

No que se refere à União Soviética, os seus interesses são absolutamente inseparáveis da causa da Paz no mundo inteiro.

É compreensível que o nosso Partido não pode ficar em dívida para com os partidos irmãos, que deve a eles próprio, por sua vez, prestar-lhes apoio, assim como aos seus próprios povos na sua luta pela sua libertação, na sua luta pela manutenção da Paz. Como se sabe, o Partido procede precisamente assim. (Tempestuosos aplausos.)

Depois da tomada do poder pelo nosso Partido em 1917, e depois que o nosso Partido adaptou medidas efectivas para a liquidação do jugo capitalista e latifundiário, os representantes dos partidos irmãos, admirados pela audácia e pelos êxitos do nosso Partido, deram-lhe o título de «brigada de choque» do movimento operário e revolucionário mundial. Deste modo expressavam a esperança de que os êxitos da «brigada de choque» aliviará a situação dos povos que sofrem sob o jugo do capitalismo.

Penso que o nosso Partido justifica estas esperanças, especialmente no período da



segunda guerra mundial, quando a União Soviética, ao derrotar a tirania fascista alemã e japonesa, livrou os povos da Europa e da Ásia da ameaça da escurecimento fascista.) Tempestuosos aplausos.)

Naturalmente, era muito difícil cumprir este honroso papel enquanto a «brigada de choque» era uma única e enquanto linha de desempenhar este papel de vanguarda quase no isolamento. Mes assim foi. Agora, a coisa é completamente outra. Agora, quando desde a China e a Coreia até à Checoslováquia e a Hungria surgiram novas «brigadas de choque», representadas pelos países democrático populares, agora, para o nosso Partido, tornou-se mais fácil lutar e, inclusivé, o trabalho marcha com mais entusiasmo. (Tempestuosos e prolongados aplausos.)

Merecem especial atenção os partidos comunistas, democráticos ou operário-camponeses que ainda não chegaram ao poder e que continuam trabalhando sob o tacão das draconianas leis burguesas. Naturalmente, para estes partidos é mais difícil trabalhar mas, para eles, não é tão difícil trabalhar como o foi para nós, comunistas russos, no período do tsarismo, quando o menor movimento para a frente era declarado um crime gravíssimo, mas os comunistas russos mantiveram-se firmes, não se intimidaram com as dificuldades e conseguiram a vitória. O mesmo acontecerá a esses partidos.

Porque não será então para esses partidos tão difícil trabalhar, em comparação com os comunistas russos do período tsarista?

Em primeiro lugar, porque esses partidos têm diante de seus olhos tais exemplos de luta e de êxitos como os da União Soviética e dos países democrático-populares. Por conseguinte, esses partidos podem aprender com os erros e com os êxitos destes países e assim facilitar o seu trabalho.

Em segundo lugar, porque a própria burguesia, inimigo principal do movimento libertador, tornou-se outra. Transformou-se profundamente, tornou-se mais reaccionária, perdeu os vínculos com o povo e, desta forma, debilitou-se. É claro que esta circunstância também deve facilitar o trabalho dos partidos revolucionários e democráticos. (Tempestuosos aplausos.)

Antes, a burguesia permitia-se o luxo de ser liberal, defendia as liberdades democrático-burguesas e assim grangeava para si popularidade entre o povo. Agora, do liberalismo não resta nem vestígios. Não existe mais a chamada liberdade individual. Os direitos individuais só são reconhecidos agora aos que possuem capital, e todos os de mais cidadãos são considerados matéria prima humana apropriada sómente para exploração.

O princípio da igualdade de direitos dos homens e das Nações foi espezinhado e substituído pelo princípio da plenitude de direitos para uma minoria exploradora e ausência de direitos para a maioria explorada dos cidadãos. A bandeira das liberdades democrático-burguesas foi lançada fora. Penso que sois vós, os representantes dos partidos comunistas e democráticos, que tendes de levantar esta bandeira e conduzi-la à vante, se quizerdes reunir em torno de vós a maioria do povo. Ninguém mais poderá levanta-la. (Tempestuosos aplausos.)

Antes, a burguesia era considerada como a cabeça da Nação. Defendia os direitos e a independência da Nação colocando-os acima de tudo. Agora não resta nenhum vestígio do princípio nacional, agora a burguesia vende, por dolares, os direitos e a independência da Nação. A bandeira da independência nacional e da soberania nacional foi lançada fora. Não há dúvida de que sois vós, os representantes dos partidos comunistas e democráticos que tendes de levantar esta bandeira, se quizerdes ser patriotas, se quizerdes tornar-vos a força dirigente da Nação. Ninguém mais poderá levanta-la. (Tempestuosos aplausos.)

Esta é a realidade actual. Está claro que todas estas circunstâncias devem facilitar o trabalho dos partidos comunistas e democráticos que ainda não chegaram ao poder. Por conseguinte, existe todo o fundamento para contar com os êxitos e a vitória dos partidos irmãos dominados pelo capital. (Tempestuosos aplausos.)

Vivam os nossos Partidos Irmãos! (Prolongados aplausos)
Longa vida e saúde aos dirigentes dos (Partidos Irmãos! Prolongados aplausos)

Viva a Paz entre os povos! (Prolongados aplausos)
Abaixo os ateadores de guerra! (Prolongados aplausos)

Todos se levantam. Tempestuosos e prolongados aplausos que se transformam em ovação, Ouvem-se exclamações: Viva o camarada Stálin! Hurra ao camarada Stálin! Viva o grande chefe dos trabalhadores do mundo, camarada Stálin! Hurra ao grande Stálin! Viva a paz entre os povos!



LIGUEMOS O PARTIDO ÀS MASSAS!

Combatamos o secterismo nas nossas fileiras!

Desde a primeira hora que o Partido Comunista Português conduz uma luta abnegada e consequente contra a camarilha salazarista. Todas as lutas populares contra a exploração patronal e a opressão fascista, **nos últimos 20 anos**, foram conduzidas pelo Partido Comunista, como partido ligado às massas, como destacamento organizado e de vanguarda da classe operária portuguesa.

Enfrentando vitoriosamente o ódio dos governantes fascistas e sendo o alvo principal das suas ofensivas policiais, o Partido tem marchado nestes últimos 20 anos na vanguarda de todas as lutas de massas na luta pelo Pão, pela Terra, pela Paz, pela Democracia e pela Independência nacional. Enquanto as organizações anarquistas e partidos políticos burgueses se foram encochando cada vez mais perante a repressão fascista até desaparecerem de todo da arena política nacional, o Partido, que representa a consciência do povo português nos nossos dias, que é a grande força que salvaguarda a vida, honra e liberdade do nosso país, vê crescer de dia para dia a sua influência entre as massas trabalhadoras e as pessoas progressivas. Ele é o guia seguro e a grande esperança para todos os explorados e oprimidos pelo patronato explorador e pela reacção fascista. Ele simboliza para o nosso povo a Democracia e o socialismo, a libertação para sempre da exploração do homem pelo homem e uma era de paz e de prosperidade.

Que nos diz, porém, a nós comunistas a experiência vivida destes últimos 20 anos de luta renhida e dura contra a camarilha salazarista e os seus crimes?

Essa rica experiência (obtida à custa de muitos sacrifícios, prisões, torturas e vidas) diz-nos que as vitórias do Partido, os seus êxitos na condução das grandes lutas da classe operária e do nosso povo se devem, em primeiro lugar, à justeza da orientação do seu Comité Central e ao heroísmo dos seus militantes e, em segundo lugar, **à sua ligação com as massas, à confiança que as massas nele depositam.**

Sempre que o Partido se isolou das massas, não soube manter-se estreitamente ligado às massas, ofereceu o peito aos golpes do inimigo, abriu as suas portas à acção dos provocadores e espões, perdeu momentaneamente a confiança dos elementos de vanguarda do proletariado e abriu o caminho para o aparecimento de desvios oportunistas, pois o Partido desligado das massas é como uma árvore com as raízes ao sol.

AS REORGANIZAÇÕES DE 1929 E DE 1941 LIGARÃO O PARTIDO ÀS MASSAS

Que nos ensinam as reorganizações partidárias de 1929 e de 1941? Que assinalam elas na história do Partido e do povo português?

A reorganização de 1929, conduzida sábiamente pelo nosso querido e saudoso camarada Bento Gonçalves, secretário geral do Partido, pôs fim a uma orientação oportunista de elementos pequeno-burgueses, deitou por terra as teorias oportunistas e traidoras desses falsos dirigentes (que preconizavam a abedição das lutas da classe operária contra o fascismo) e ligou estreitamente o Partido à classe operária e às massas, fortalecendo a posição dos comunistas nos sindicatos com a criação de numerosos Grupos de Defesa Sindical e sindicatos, entre os quais se destacou o Sindicato Nacional dos Vidreiros, a criação da Comissão Inter-Sindical e a Federação Nacional dos Trabalhadores dos Transportes, conduziu lutas de massas contra o desemprego sob a palavra de ordem «Pão e Trabalho», lutou contra o desconto dos 20% editou os jornais «Avante!», «Proletário» e «Reduto» (este último com uma tiragem que oscilava entre 25.000 e 30.000 exemplares), etc., etc. Esta orientação fortaleceu rapidamente o Partido, dando-lhe capacidade de mobilização de massas (greve geral do pessoal da construção naval, greve dos marítimos de Setúbal, greve geral dos trabalhadores do porto de Lisboa de apoio ao pessoal da C.C.N., greve dos fragateiros de Lisboa, greve dos operários vidreiros à escala nacional, greve do 18 de Janeiro, contra a fascização dos sindicatos e que tomou aspectos insurreccionais na Marinha Grande, em que os operários tomaram conta da Vila durante 6 horas, etc.). Sob a direcção de Bento Gonçalves os militantes do Partido ligaram-se às massas e mobilizaram-nas na luta contra o patronato e contra a acção do governo fascista,

abriram uma nova era na história do Partido e da classe operária portuguesa.

Que nos ensina a reorganização de 1941? A reorganização de 1941 (inspirada pelo camarada Bento Gonçalves, que então se encontrava deportado no Terrafal) foi dirigida em primeiro lugar, contra um grupo de provocadores policiais que se tinha apoderado da direcção do Partido e que o isolou totalmente das massas, desprestigiando-o por forma tal, que a Internacional Comunista foi forçada a **considerá-lo como dissolvido!** Esta desgraçada situação foi o resultado de uma orientação sectária seguida nos anos de 1936 a 1940 que já não correspondia à situação histórica que se vivia (incapacidade para se criar uma Frente Popular que agrupasse todos os democratas, «indicados ilegais clandestinos desligados das massas, as Juventudes Comunistas isoladas das massas juvenis, células de rua em vez de células de empresa, etc.)

Esta acção isolou o Partido das massas e abriu as suas portas à acção dos venalistas e dos provocadores policiais, deixou os militantes do Partido isolados e a descoberto perante o inimigo — alvos fáceis de atingir pela repressão fascista que os atacava pelas costas. A reorganização de 1941 (em que tiveram parte activa os nossos queridos camaradas Alvaro Cunhal, Militão Ribeiro, Manuel Guedes, Alfredo Diniz, António D. Lourenço, Joaquim Campino, José Maria do Rosário e outros, além de ter escorçado do seio do Partido todos os elementos suspeitos, restabeleceu o contacto dos militantes do Partido com as massas, em particular com a classe operária, (começou a trabalhar para a formação de uma Unidade Nacional que agrupasse todos os anti-fascistas, acabou com as células de rua e combateu o isolamento sectário dos quadros do Partido, fortaleceu as células de empresa, iniciou um trabalho largo nos sindicatos fascistas, ligou o Partido à classe camponesa, etc, etc), de forma que, dentro em breve, surgiram grandes lutas da classe operária, sob a direcção do Partido (greves de Outubro/Novembro de 1942 das construções navais e outras classes de Lisboa, greves de Julho/Agosto de 1943 na região de Lisboa e Margem Sul do Tejo, tendo estas últimas mobilizado mais de 50.000 trabalhadores, greves de 8/9 de Maio de 1944 no Baixo Ribatejo unificando operários e camponeses, greves camponesas de Montemor e Vendas Novas em 1945, onde foi assassinado o camarada Germano Vidigal, greves dos operários têxteis da Covilhã em 1942 e em 1946, greves das construções navais em Abril de 1947, etc, etc). A reorganização de 1941 viu, pois, o resto dos militantes do Partido para as massas, fez do Partido um partido de massas, forte e prestigiado, abrindo assim uma nova era na história do Partido e o caminho para a criação do movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF), primeiro, e depois, para a formação dessas grandiosas acções e movimentos de massas que foram as jornadas da Vitória, em 1945, e o MUD e as candidaturas do General Norton de Matos e do Prof. Rui Gomes, mais tarde.

EM QUE ASSENTA O SECTARISMO NOS Nossos DIAS?

A partir de 1949 deram-se acontecimentos políticos que ainda não foram suficientemente discutidos em todo o Partido (dada a acção do provocador Manuel Domingues e a consequente prisão dos nossos camaradas Cunhal e Militão, o assalto à tipografia do «Avante» e prisão dos seus quadros técnicos e, mais tarde, a traição de Mário Mesquita, que absorveram toda a atenção da direcção do Partido durante muito tempo) e não foram porisso, tomadas todas as medidas que se impunham, ganhando corpo uma corrente sectária que, em muitos sectores, foi isolando progressivamente o Partido das massas. Desta situação resultaram graves prejuízos para a acção política do Partido, de que todo o Partido é também responsável por não lhe ter dado o devido combate.

O aumento da repressão fascista contra o Partido (na raiz do rompimento da unidade com os comunistas por parte dos partidos burgueses) após a candidatura do General Norton de Matos e a entrada de Portugal para o Pacto do Atlântico, a acção que o Partido teve de desenvolver no sentido de combater e desmascarar todos os oportunistas e inimigos da Unidade e, finalmente, a depuração a que o Partido teve de proceder nas suas próprias fileiras, afastando do seu seio muitos elementos oportunistas que vieram ao Partido em 1945 e 1946, criaram em muitos camaradas nossos a ideia falsa que só era possível cooperar com outros camaradas que eles só deveriam estar ligados aos outros comunistas, pois só estes lhe pareciam seguros perante a ofensiva do inimigo fascista e quanto a uma compreensão justa dos problemas da hora presente! Isto é, estes camaradas aceitam a existência da «unidade», mas só com os comunistas! Eles querem, no fim de contas, uma «unidade de família e na base do Partido!...



O SECTARISMO INIMIGO DA UNIDADE

Em certas organizações de base do Partido os nossos camaradas vivem completamente isolados das massas, fazem um trabalho de seita maçónica, fechado, limitando-se alguns a lerem a nossa imprensa e a pagarem as suas cotizações, indo outros até ao ponto de resistirem a entrar em contacto com toda e qualquer pessoa que não seja comunista ou simpatizante comunista, pois todas as outras «lhes não merecem a sua confiança ou lhe parecem incapazes de fazer seja o que for»...

Porque estas tendências sectárias não foram combatidas logo de início há, pois, dentro do nosso Partido camaradas que pensam que, para defender o seu trabalho e defenderem as organizações do Partido, se não devem ligar a mais ninguém que não sejam os membros do Partido! Estes camaradas fecharam-se herméticamente dentro das suas conchas de Partido, só dentro delas se acham bem, e não compreendem que hoje a defesa do seu trabalho, das organizações partidárias a que pertencem e a acção política do Partido junto da classe operária e do povo, dependem, em última análise, **da sua estreita ligação com todos os trabalhadores honrados, tenham ou não filiação partidária, sejam laicos ou católicos**, no sentido de os chamar a uma **unidade de acção** em defesa dos seus interesses comuns. Esses camaradas esquecem-se que os seus apelos junto dos trabalhadores, para uma acção conjunta no sentido de alcançarem satisfação para as aspirações mais sentidas pelas massas, sempre encontram eco nos corações e entendimento das massas trabalhadoras, sempre as levam para a luta e, na maioria das vezes, para a vitória.

O Camarada Stáline ensina-nos que **«o Partido não poderá dirigir a classe operária se não estiver estreitamente ligado às massas sem-partido, se não houver traços de união entre o Partido e as massas sem-partido, se estas não acelerarem a sua direcção, se o Partido não gozar de crédito moral e político entre as massas»** («Fundamentos do Leninismo»). Porém muitos camaradas esquecem este ensinamento precioso do camarada Stáline e isolam-se das massas, isolam o Partido da sua classe e do nosso povo. Procedendo desta forma, esses camaradas enfraquecem o Partido, expõem-se à repressão policial (porque actua isolados das massas) e prejudicam o seu futuro como militantes, pois não aprendem nada com as massas, acabando por serem ultrapassados pela iniciativa destas, **transformando-se em travões para a luta**, perdendo-se assim para o Partido e para a classe.

Há alguns camaradas que pensam que nós comunistas só deveremos colaborar nos organismos de unidade (Paz, MND, MUDJ, Assistência, etc.) com democratas e patriotas que se mostrem absolutamente identificados com os nossos pontos de vista e com as nossas formas de actuação. Esses camaradas julgam que aquilo que para eles é claro e justo o deverá ser de igual modo para todos os outros democratas, não procuram esclarecer essas pessoas através da própria luta e da discussão amigável, mas entram logo a considerá-las indesejáveis nos organismos onde se encontram. Esses camaradas não sabem ser maleáveis perante os elementos honrados sem-partido, ou de outros partidos, quanto a modos de ver diferentes dos nossos naquilo que não é fundamental, ou de formas menos operativas do que as nossas na organização dos trabalhos. Esses camaradas pensam que, desde que um democrata ou patriota ingresse num organismo de unidade, tem de passar, por esse mesmo facto, a pensar e a proceder como eles! Se o não fazem, esses nossos camaradas monopolizam todas as tarefas, recusam-lhe na prática toda e qualquer tarefa e deixam transparecer a sua falta de confiança na colaboração desses democratas. Escusado será dizer que esta forma de proceder, longe de alargar a Unidade, de aproximar os nossos camaradas desses elementos honestos de outros partidos, ou sem-partido, cria é obstáculos a um trabalho de cooperação política e isola cada vez mais os nossos quadros na luta pela Paz e pela Democracia, **limitando consideravelmente a envigadura dessa luta e expondo esses quadros à repressão fascista**.

É na ligação dos comunistas com as variadas camadas do povo que reside a força. «Nós podemos considerar como uma regra geral» diz o camarada Stáline, «quanto os Bolchevistas mantiverem ligação com as vastas massas do povo serão invencíveis. Mas que, pelo contrário, logo que os Bolchevistas se separem das massas e

perderem a sua ligação com elas, bastará que elles se cubram com a ferrugem burocrática, logo perderão toda a sua força e ficarão reduzidos a um simples zero.»

«Na mitologia dos gregos antigos havia um famoso herói, Anteu, que, segundo conta a lenda, era filho de Poseidon, deus dos mares, e de Geia, deusa da terra. Anteu era muito amigo da mãe — que lhe tinha dado o ser, o tinha alimentado e o tinha educado. Não houve nenhum herói que Anteu não tivesse derrotado. Era considerado como um herói invencível. Onde residia a sua força? Residia no facto de, sempre que ele se sentia a ponto de ser vencido, na luta com um adversário poder tocar a terra, sua mãe, que lhe tinha dado o ser, o tinha alimentado, e educado, e isso lhe dava novas forças. Mas ele tinha um ponto fraco — o perigo de poder ser separado da terra por qualquer forma. Os seus inimigos sabiam isto e aguardavam o momento propício. Um dia apareceu um inimigo que soube aproveitar o lado fraco de Anteu e o venceu. Foi Hércules. Como conseguiu Hércules vencer Anteu? Levantou-o da terra, manteve-o suspenso no ar, evitando que tocasse a terra, e estrangulou-o.»

«Julgo que os Belchevistas nos lembram Anteu, o herói da mitologia grega. Eles, como Anteu, são fortes porque mantêm contacto com sua mãe, as massas, que lhe deram o ser, os alimentaram e o educaram. E enquanto eles mantiverem contacto com a sua mãe, com o povo, têm todas as possibilidades de se manterem invencíveis (Stáline, «defeitos no trabalho do Partido»)

ALGUNS EXEMPLOS DE TRABALHO SECTÁRIO

Vejamos alguns exemplos, entre muitos de trabalho sectário, desligado das massas. Numa importante empresa com mais de 1.000 operários e onde o Partido já conduziu lutas reivindicativas muito importantes, existe uma célula de empresa com 7 militantes e 6 simpatizantes — o que mostra que não chega a haver um simpatizante por cada militante! Estes camaradas reúnem regularmente, mas fogem teimosamente a formas massivas ou legais de trabalho, não existindo nesta importante empresa qualquer Comissão geral de Unidade, ou de secção, para a defesa dos interesses dos seus trabalhadores — rem tão pouco qualquer comissão de Paz ou do MND. Estes camaradas recebem ao todo 13 exemplares do «Avante!» e 7 «Militantes», o que mostra bem que eles consideram o órgão central do Partido — a voz do Partido — como um boletim interno para leitura exclusiva dos militantes e simpatizantes, e que não duvidam em privar os simpatizantes da leitura educativa do «Militante», travando desta forma o seu desenvolvimento político!

Vejamos ainda mais outro exemplo eloquente dum trabalho fechado, sectário, que não abre o caminho às acções de massas. Numa empresa industrial com perto de 500 operários, onde o Partido já conduziu uma greve importante, existe uma célula de empresa com 22 militantes e 12 simpatizantes, havendo, portanto, 10 elementos considerados como **militantes** que não têm ligados a si qualquer simpatizante! Podemos e devemos perguntar que espécie de **militantes** são estes camaradas, que nem sequer conseguem exercer uma influência pessoal em um único companheiro de trabalho desta empresa! Também aqui os nossos camaradas fazem do órgão central do Partido, não a voz do Partido junto das massas trabalhadoras, mas sim um boletim interno de uma sociedade secreta, pois se limitam a receber 34 exemplares do «Avante!», isto é, um «Avante!» para cada um dos militantes e simpatizantes! Dentro desta empresa o «Militante» é lido somente pelos membros do Partido, ficando privados da sua leitura todos os simpatizantes.

Entre os operários desta empresa, de tradições revolucionárias, não existe neste momento qualquer Comissão de Unidade, de Paz ou do MND. Mais, os nossos camaradas desta empresa perderam a influência que antes tinham sobre os jovens aprendizes e permitiram, desta forma, que eles cassem sob o controle de organizações reaccionárias!

COMO COMEATAR O SECTARISMO

Que nos dizem estes dois exemplos frisantes de trabalho sectário, desligado das massas?



Em primeiro lugar, **que a direcção do Partido, não discutindo a fundo os problemas de organização, permitiu que se criassem em organismos partidários situações dessas**, que tanto prejuízo estão trazendo à formação dos quadros e à influência e prestígio do Partido junto da classe operária e das massas.

Em segundo lugar, **eles testemunham a ausência de vida política nas células do Partido**, pois se nessas células de fábrica e de empresa se discutisse a sério a situação política nacional e internacional, a linha do Partido e os interesses imediatos dos trabalhadores dessas fábricas e empresas, naturalmente que dessa discussão teriam de resultar tarefas imediatas para os seus militantes e simpatizantes, que quebrariam o seu isolamento sectário e lhe dariam poder de mobilização sobre as massas trabalhadoras.

Em terceiro lugar, estes exemplos revelam **concepções em extremo liberais por parte do nosso quadro de funcionários quanto às características que devem caracterizar os militantes do Partido**. Como se compreende que sejam considerados como militantes do Partido elementos completamente desligados da sua classe, que não procuram exercer uma influência política nos seus companheiros de trabalho e fogem ao contacto com as massas? Poderá por acaso ser considerado como militante do Partido, quem não milita de facto nas suas fileiras, quem na sua empresa, no seu bairro ou na sua colectividade não exerce uma influência sobre outros elementos que lhe permita mobilizá-los sob formas diversas, quem não é capaz de encontrar pessoas honradas a quem possa entregar a imprensa do Partido e recolher fundos, de as organizar para a luta em defesa do Pão, da Paz e da Democracia? Não! Esses elementos, se persistirem no seu trabalho sectário, quando muito, serão simples simpatizantes, **eles não deverão nem poderão estar no Partido, porque são verdadeiros pesos mortos, verdadeiros travões na sua marcha e na sua luta**.

Em quarto lugar, estes exemplos revelam o **baixo nível ideológico dos nossos quadros e a débil assistência política que lhe tem sido prestada pelo Partido**, pois muitos camaradas nossos, que foram combativos de início, acabaram por se viciar e por cair neste tipo de trabalho fechado, oportunista, por falta de uma orientação segura e de discussão política. Só a discussão política e uma orientação segura os poderão reeducar e fazer deles homens de massas, homens capazes de mobilizarem as classes trabalhadoras e as massas, lá onde se encontrem. Para esta situação muito tem contribuído a ausência de uma discussão larga em todos os organismos do Partido, sobre os problemas que dizem respeito às massas trabalhadoras, em especial à classe operária. Certos quadros do Partido, que controlam células de importantes empresas, desconhecem muitas vezes os problemas que dizem respeito aos trabalhadores dessas empresas não podendo assim orientar capazmente os camaradas de base sobre o caminho a seguir para a mobilização da sua classe na luta pelas reivindicações imediatas. Um sintoma evidente desta substituição dos problemas vivos das massas trabalhadoras está no abandono a que foi votado em todo o Partido o trabalho dos nossos camaradas nos sindicatos fascistas. **A substituição do trabalho sindical evidencia por forma bem notória e desagrado do Partido dos problemas vivos das classes trabalhadoras**, sabido como é, que são os sindicatos campos de luta pela satisfação das reivindicações imediatas das massas trabalhadoras. Impõe-se, em todos os organismos do Partido, uma larga discussão sobre o problema sindical tanto mais que estamos a um ano de novas eleições.

Em quinto lugar, estes exemplos mostram que **dentro do Partido ganharam corpo ideias absolutamente erradas quanto ao papel da imprensa do Partido**, em particular do seu órgão central, «Avante!». Movidos por um errado conceito de defesa conspirativa, os nossos camaradas têm ido limitando progressivamente o número de pessoas a quem entregam a imprensa, acabando por reduzir a sua difusão ao último extremo: um exemplar para cada militante e simpatizante! Não se pode conceber que cada **militante comunista**, digno deste nome, não tenha pelo menos 3 ou 4 pessoas da sua confiança a quem possa entregar o «Avante!». Se as não tem, é porque esse camarada não exerce qualquer influência política, é porque é um elemento fechado e sectário, um peso morto dentro do Partido, e não pode aspirar, por isso ao título particularmente honroso de militante do Partido.

O órgão central do Partido, «Avante!» é, como tantas vezes nós temos dito, a **voz do Partido**. Se ele é a voz do Partido, qual deverá ser, em relação a ela, o papel dos militantes comunistas? Será o de abafar essa voz, limitando sistematicamente a sua projecção ou, pelo contrário, fazendo-a chegar a todos os lados onde ela pode e deve chegar? Não será através da leitura do «Avante!» que o povo compreenderá melhor a justeza da acção do Partido e se orientará sobre os principais problemas que dizem respeito à sua vida, ao seu futuro e à vida e independência do nosso país? Num momento em que a reacção fascista e imperialista se esforça particularmente por lançar a confusão nas massas quanto à sua política de preparação para uma agressão contra a União Soviética e as Democracias Populares, será facilitar a acção dos piores inimigos da humanidade não combatermos essas mentiras e essas intrigas com a difusão da voz da verdade, com a voz dos melhores filhos do nosso povo e mais consequentes defensores da Paz, da Democracia e da Independência nacional. **É necessário pois, que todos os militantes do Partido se esforcem por fazer chegar o «Avante!» a todos os democratas, patriotas e amigos da paz da sua confiança**, a todas as pessoas a quem a leitura da nossa imprensa possa despertar para a luta.

Da mesma forma, é necessário que todos os simpatizantes do Partido e activistas na luta pela Paz e pela Democracia leiam «O Militante», pois que **dessa leitura resultará o seu desenvolvimento político e uma melhoria do seu trabalho prático**. Só poderemos forjar novos quadros e novos activistas do Partido e das organizações massivas, educando-os de uma forma leninista através do trabalho prático e da leitura da nossa imprensa, entre a qual ocupa um lugar muito importante o boletim de organização do Partido.

Em Sexto lugar, estes exemplos mostram que **alguns camaradas não confiam nas massas, temem o contacto com as massas**. Há camaradas que tomam atitudes de falsa superioridade em relação à sua classe e às massas trabalhadoras, dizendo que os outros trabalhadores têm medo e não querem lutar, quando a verdade é que são eles quem se deixa vencer pelo medo e que essa posição de «valentia» dos nossos camaradas só revela presunção e sectarismo, mostra que eles não sabem ouvir as massas nem aprender com elas, que eles não sabem mobilizá-las na luta pelas suas aspirações mais sentidas. A experiência diária do nosso Partido e as greves vitoriosas dos pescadores de Matosinhos e Olhão, dos litógrafos de Olhão e dos operários textéis da fábrica dos «Ingleses» no Porto, dos camponeses de Pias e Vale e de Vargo, diz-nos que as massas estão dispostas à luta contra o patronato e o fascismo e a defenderem a Paz, e que são muitas vezes esses camaradas que não compreendem esses desejos das massas e **que travam as possibilidades de luta com os seus concelhos derrotistas e sectários**. A prova provada que isto é assim, está que, dois meses antes das greves vitoriosas dos camponeses de Pias e de Vale de Vargo, os responsáveis de uma organização regional do Partido, no Alentejo, informavam a direcção do Partido que os camponeses alentejanos não se mostravam dispostos a lançar-se em lutas reivindicativas!... Por outro lado, há camaradas que, erradamente, temem as consequências do seu contacto com as massas, julgando que desse contacto poderão resultar situações conspirativas que ponham em perigo a sua segurança pessoal. **Esta ideia é absolutamente errada e precisa de ser combatida energeticamente dentro do Partido**, pois se os nossos camaradas aparecerem perante as massas, não como membros do Partido, mas sim como pessoas interessadas em obter determinadas reivindicações, a sua acção confunde-se com as massas e fica por isso melhor defendida. No decorrer das grandes greves operárias e camponesas têm passado pelas prisões, juntamente com os restantes grevistas, células inteiras do Partido, e no entanto a policia não conseguiu localizar os nossos camaradas, exactamente porque eles se confundiam com a massa dos restantes grevistas. Se os nossos camaradas aparecem nas Comissões de Unidade simplesmente como operários conscientes que lutam pelas suas reivindicações, nas Comissões de Paz como defensores activos da Paz, nas Comissões do MND como democratas consequentes, não ficarão por isso mais expostos perante o inimigo, pelo contrário, encontrar-se-ão mais defendidos, que se actuarem isoladamente e clandestinamente, somente como membros do Partido.

O contacto dos militantes do Partido com as massas forjará quadros experimentados e revelará novos quadros. A ligação dos militantes do Partido às massas, o apoio que estas lhe prestam perante o patronato e o fascismo e a fusão da acção dos militantes com a acção das massas são a melhor defesa dos quadros perante a repressão fascista.

Em sétimo lugar, alguns camaradas nossos, que estão ligados a certas comissões de unidade, têm evidenciado **medo ao contacto com as massas**, evidenciando falta de confiança nas massas, na medida em que concordam com a realização de reuniões de democratas e pa-riotas em locais inacessíveis às massas, indo isoladamente a certas manifestações de massas, o que, longe de se aproximar das massas, os isola e põe em perigo a sua segurança pessoal, pois a sua força política assenta única e exclusivamente no apoio que as massas lhe prestam. No fundo destas posições há sobre tudo oportunismo, transigências com aqueles democratas que temem as manifestações de massas, que não vêm no apoio das massas à sua acção política a garantia do sucesso e a melhor defesa perante a repressão fascista. Em algumas comissões pacifistas e democráticas os nossos camaradas têm mostrado subestimar o papel das massas na luta pela Paz e pela Democracia, não aproveitando devidamente todas as enormes possibilidades que esses movimentos oferecem para a mobilização das classes trabalhadoras e classes médias.

LIGUEMOS O PARTIDO ÀS MASSAS!

Perante a política de guerra e de fome da camarilha salazarista e dos seus patrões americanos e ingleses, um só caminho resta à classe operária e ao povo português: a luta, cada vez mais unida, mais firme e melhor organizada em defesa do Pão, pela Terra, pela Paz e pela Democracia. Porém a criação de uma frente ampla de unidade nacional na luta pela Paz, pelos interesses vitais do povo, contra a reacção imperialista, só é possível vencendo todas as manifestações de oportunismo, de sectarismo e de falta de confiança na força das massas, conseguindo estabelecer um contacto o mais estreito possível com todas as camadas patrióticas da população portuguesa.

A agudização crescente das condições de vida das classes trabalhadoras, devido às enormes despesas com a preparação para uma guerra, por parte do governo, que lançam a economia nacional na ruína, o consequente alastramento da crise económica e a vaga de despedimentos que dela resultam, criam condições objectivas para largas mobilizações de massas pelo Partido, na luta por melhores salários e contra os despedimentos, como o evidenciaram já as greves vitoriosas que se deram este ano. Será da ligação cada vez mais estreita das organizações do Partido com as massas trabalhadoras, na sua luta pelo Pão e pela Terra, que dependem novas e decisivas vitórias contra o fascismo e o imperialismo e em defesa da Paz e da Democracia.

A política de guerra e de traição nacional da camarilha salazarista aparece cada vez com maior clareza aos olhos das massas e cria, ela também, condições cada vez mais maduras para novas e mais largas lutas em defesa da Paz e da Independência nacional, como o testemunham claramente as numerosas formas de luta pela Paz que se desenvolvem por todo o país. Esta situação exige, porém, que os militantes do Partido saibam aproximar-se de todas as camadas da população, em particular da classe operária, das massas camponesas, das mulheres e jovens, e as unam e organizem para a luta.

Os comunistas têm de ser os melhores organizadores e orientadores e os combatentes de vanguarda das lutas da classe operária pelas suas reivindicações mais imediatas: aumento dos salários, luta contra os despedimentos, cumprimento dos horários de trabalho, luta contra os castigos e multas, melhor assistência médica e farmacêutica das Caixas de Previdência, etc, etc. Os comunistas têm de organizar, orientar e marchar na vanguarda das lutas da classe camponesa pela divisão equitativa da terra (Reforma Agrária), por melhores salários, contra o desemprego, por horários de trabalho e praças de jorna e outras reivindicações desta classe.

Os comunistas devem organizar e orientar as lutas das mulheres operárias e camponesas pelas suas reivindicações próprias (a trabalho igual salário igual e outras) e pelo pão, pela terra, pela paz e pela democracia.

Os comunistas devem organizar e orientar a jovem geração portuguesa, a juventude das fábricas, dos campos, das escolas, na luta pelas suas reivindicações próprias e contra a política de guerra que visa fazer dela carne de canhão ao serviço dos inimigos da humanidade.



Os comunistas devem organizar e orientar a luta dos filhos do povo fardados (soldados, marinheiros e oficialidade progressiva) pela conquista das suas reivindicações próprias e contra a política de guerra do governo, que sacrificará as suas vidas aos interesses sórdidos dos inimigos da paz e da democracia, dos imperialistas americanos.

Os comunistas devem organizar e orientar todas as lutas das vastas camadas populares pelo Pão, pela Terra, pela Paz, pela Democracia e pela Independência nacional.

Os acontecimentos precipitam-se em todo o mundo, novas e grandiosas lutas se aproximam. O nosso povo espera do Partido Comunista (o partido que nunca enganou!) e dos comunistas a orientação justa e a acção organizadora capazes de lhe assegurarem a vitória final sobre os inimigos internos e externos da sua honra, vida e liberdade. Pesam sobre o Partido e sobre todos os seus militantes graves responsabilidades, que eles têm de saber ter presentes na sua actuação de cada dia junto das massas. Estreitamente ligado às massas, o Partido será invencível e acabará por vencer; para sempre, os seus inimigos, que são os inimigos do nosso povo e da nossa pátria.

O PARTIDO PRECISA DE CENTENAS DE CONTOS!

Intensifiquemos a recolha de fundos para o Partido

Para assegurarmos a realização das grandes tarefas políticas que o Partido tem pela frente e assegurarmos a defesa das organizações e dos quadros do Partido são necessárias muitas centenas de contos.

Por maiores que sejam os esforços e as energias despendidos, há muitos problemas políticos, de organização e de quadros que só com dinheiro podem ser resolvidos. A saída regular do «Avante!», do «Militante», de manifestões e targetas e a edição de folhetos de estudo e capacitação política com a regularidade de ultimamente só é conseguida através de grandes dificuldades entre as quais as financeiras que dificilmente podem ser resolvidas.

Sem o dinheiro necessário para a defesa do Partido, a Direcção Central não poderá enfrentar a repressão fascista que aumenta de ferocidade. É preciso defender as organizações e os quadros. É preciso assegurar a continuidade do trabalho político e para isso é preciso defender o Comité Central do Partido. A perda de um camarada, e particularmente de um camarada da Direcção, que acumulou a experiência de muitos anos de luta consequente, causa grandes prejuízos ao Partido. Privado de quadros como o nosso querido camarada Duarte, como Militão Ribeiro, Manuel Guedes, Alex. Chico Miguel, Manuel Rodrigues, António Dias Lourenço, Soeiro Pereira Gomes, Campino, José Maria do Rosário, José Magro, Guilherme da Costa Carvalho, Júlio Paour, Alcino e tantos outros camaradas presos ou assassinados o nível político do Partido baixa e não se desenvolve nem acompanhamos todas as necessidades resultantes da agudização da luta de classes. Se fomos privados de outros camaradas que neste momento se encontram na Direcção do Partido, as dificuldades são ainda maiores para o Partido. Privado dos seus dirigentes mais capacitados e experimentados, a vigilância revolucionária e de classe diminui e torna-se mais fácil ao inimigo infiltrar a provocação no Partido. Estas verdades sabemos-las nós e sabe-as o fascismo salazarista e os seus patrões imperialistas. Porisso é tão accentuada a repressão contra o Partido e principalmente contra os seus dirigentes.

A situação agudiza-se e aproximam-se dias de luta mais enérgica e mais dura pela Paz, pelo Pão e pela Democracia. Para assegurarmos a justa orientação nessas lutas é necessário que o Partido não perca os seus dirigentes. Ao mesmo tempo que nos devemos esforçar para reganhar os que se encontram presos, devemos defender os que se encontram em liberdade. E essa defesa exige muito dinheiro.

Por todas as razões que acabamos de expôr são necessárias ao Partido muitas centenas de contos.

Tudo o que se disse está certo, mas pode haver algum camarada que pergunte: Terá o nosso Partido capacidade para conseguir tanto dinheiro? A esta pergunta respondemos sem qualquer dúvida que sim. Duvidar disto é subestimar a influência de massas do Partido, é subestimar o Partido, a classe trabalhadora e o nosso povo. A experiência é rica de ensinamentos a este respeito e prova que quando os nossos



camaradas discutem este problema no terreno político e lhe dedicam a atenção necessária as receitas do Partido aumentam e as dificuldades são superadas.

É hábito rotineiro dentro do Partido deixar o problema de fundos para o fim das reuniões ou dos encontros. Desta forma, a questão de fundos não é discutida no terreno político e reduz-se à entrega apressada do dinheiro e à justificação também apressada das despesas. Esta rotina prova-nos que não há uma justa compreensão deste importante problema. Esta falta de discussão do problema de fundos fecha o horizonte aos camaradas e não os deixa ver a real capacidade do Partido nem como as massas estão sempre prontas a dar dinheiro para o seu Partido.

Ainda há poucos dias um camarada funcionário que precisava com urgência de cerca de 1.500\$00 para a realização duma tarefa importante apareceu ao camarada controlador com as mãos a abanar e sem ter tomado qualquer iniciativa. Este camarada esperava que o controlador, à semelhança do que tinha sucedido de outras vezes, lhe entregasse o dinheiro de que ele precisava. Mas a coisa não sucedeu assim. O camarada controlador não lhe entregou dinheiro mas orientou-o no sentido de ir para o seu sector de trabalho, discutir o problema com os camaradas e estudarem a forma prática de arranjar a quantia necessária com rapidez. Efectivamente, 24 horas depois, o camarada tinha conseguido mais 500\$00 do que precisava para a realização da tarefa. Todo este dinheiro foi recebido da classe operária. É importante salientar que todos os camaradas e simpatizantes a quem foi colocado este problema corresponderam imediatamente e um deles que deu 20\$00 para o Partido tinha sido despedido do trabalho nesse mesmo dia! Um outro que também entregou a sua contribuição declarou que se o Partido tivesse muita necessidade iria empenhar o seu aparelho de telefonia. Estes exemplos, bem vivos e recentes, não serão uma prova da dedicação e confiança no Partido, não serão uma prova das suas reais possibilidades? E que dizer dum camarada camponês pequeno proprietário que, com a sua companhia e filhos, também camaradas, têm de trabalhar à jorna para viver, vendeu um terreno por 20 contos e os entregou ao Partido?

E que dizer de organizações operárias e camponesas que por motivos da repressão fascista perderam a ligação com a Direcção do Partido e que continuaram a cotizar-se e a desenvolver iniciativas para a recolha de fundos que guardam e depois entregam cheios de alegria e satisfação quando mais tarde retomam o contacto com a Direcção do Partido?

Sendo assim, quem poderá duvidar de que poderemos arranjar centenas de contos se discutirmos este problema abertamente em todos os organismos do P. Sendo assim, quem poderá duvidar de que, se todos os camaradas colocarem claramente este problema às pessoas honradas das suas relações, aos seus honrados companheiros de trabalho, poderemos assegurar os meios financeiros indispensáveis à vida do Partido.

Outros exemplos comprovativos das possibilidades reais de aumentarmos substancialmente os fundos do Partido poderiam ser apresentados. Mas estes bastam. Tudo está em que na base duma justa compreensão deste problema o Partido o discuta em todos os organismos com todos os camaradas e que estes se lancem decididamente na sua realização. Conseguiremos assim os fundos de que tanto necessitamos e colheremos novas experiências de como se podem conseguir fundos para o Partido. Muitas experiências e ensinamentos virão dos camaradas modestos do nosso Partido e das pessoas honradas sem Partido.

Só poderá ser conseguido êxito nestas tarefas se nos ligarmos às massas. É para a classe operária, é para as classes trabalhadoras, é para o nosso povo que devemos voltar. Disto depende o êxito de todo o nosso trabalho, pois nesta tarefa como em todas as tarefas, o Partido é invencível quando ligado às massas. Dias ou horas de trabalho, rifas, sorteios, bailes, festas, venda de objectos, subscrições e muitas outras iniciativas devem ser levadas a cabo. A organização de novos grupos de Amigos do Partido, e do «Avante!» que estabeleçam uma rubrica permanente são também formas justas de conseguirmos fundos para o Partido.

Por outro lado devemos fomentar e animar o espírito de iniciativa das massas. Existem milhares de exemplos de iniciativa e de abnegação ao Partido entre as massas sem partido: operários que fazem biscates, pescadores que fazem pescarias, camponeses e camponesas que fazem pequenas culturas e criam aves, costureiras que fazem trabalhos de costura, tricôt, renda, etc, etc, etc.

Naturalmente que a par deste trabalho de massas pode e deve fazer-se abordagens a pessoas honradas e com possibilidades, porque há muita gente séria desejava do contribuir para o Partido.



Todos os camaradas do Partido, além da sua contribuição especial, devem ligar-se às massas e conseguir delas fundos para o Partido. Desta forma, a entrada de fun- dos para o Partido será maior.

As cotizações e o pagamento da imprensa devem ser postos em dia e manter-se sempre em dia. É também uma forma de aumentar os fundos do Partido porque há ain- da organizações que substituíam este importante aspecto do problema de fundos.

Por outro lado, é necessário que as receitas e despesas sejam rigorosamente con- troladas. A justa administração dos fundos do Partido é uma prova da integrida- de dos seus militantes. O dinheiro do Partido é sagrado e deve ser severamente administrado. Poupanço- o ele dará para realizar mais tarefas.

Que todos os camaradas estudem e discutam a forma de aumentar os fundos do Partido e saibam descobrir novas fontes de receita para juntar às que existem. É que as experiências colhidas com novas iniciativas sejam transmitidas a outras organizações por intermédio do «Avante!» e de «O Militante» para que estas as possam também em prática.

Avante, pois, para a recolha de centenas de contos para o Partido!

ALERTA CONTRA OS TRAIADORES E PROVOCADORES

Joaquim Ventura, de Menchique, e o Sr. Antonino de Sousa, ambos residen- tes actualmente em Lisboa, são dois traidores da pior espécie. Joaquim Ventura que desertou da luta e passou a ter uma vida suspei- ta facilitou a sua prisão pela P.I.D.E. e entrou abertamente no caminho da tração. Posto rapidamente em liber- dade pela P.I.D.E., passou a servi-la como agente provocador.

Antonino de Soesa, que muita gente julga ser um íntel- lectual progressivo é um reles burlão que se apoderou de bastante dinheiro que se destinava à luta demo- crática. Este indivíduo goza da confiança do Intelligent Service. É um espião do imperialismo, é um traidor à Pátria. Procura fazer crer que o seu modo de vida é publicista numa enciclopédia mas na realidade a espionagem e a provocação são o seu verdadeiro modo de vida. Ele passa a maior parte do tempo no Instituto Bri- tânico, verdadeira organização ao serviço da campanha de penetração ideológica do imperialismo inglês.

Gabriel Pedro, Carlos de Carvalho e Aiala são três caluniadores e intriguis- tas da pior espécie. Aiala e Gabriel Pedro acobertaram e defenderam até ao fim o mi- serável traidor Mário Mesquita e entraram no caminho da intriga e da calúnia contra a Direcção do Partido e o saudoso secretário geral do Partido, Bento Gonçalves, não obstante este ter sido assassinado há já 10 anos. Carlos de Carvalho, para acobertar a sua cobardia ante o agudizar da luta, escolheu o caminho da intriga e da calúnia à Direcção do Partido e de outros camaradas.

Toda esta gente acobertada por uma pseudo discordância com a orientação do Partido, fazem um trabalho de desagregação e de provocação, usando para tal da arma torpe da intriga e da calúnia. Esta acção provocadora prejudica fundamen- talmente a Unidade dos democratas, patriotas e amigos da paz na sua luta pela De- mocracia, pela Independência Nacional e pela Paz.

Todos os membros do Partido devem escorraçar estes provocadores do seu con- vívio e desmascará-los implacavelmente. Aconselhamos os democratas sem Partido a seguir esta mesma orientação.

Os que sentirem receio de tomar uma posição firme devem reparar que é justame- nte ao contacto com espíões e provocadores que se enxovalham e se arriscam ao perigo de se verem envolvidos em provocações preparamas por eles.

Escorraçar do nosso convívio é desmascarar sem vacilações os traidores, pro- vocadores e espíões, este é o caminho justo a seguir.